

O acaso e a composição¹

Outro método de composição que nasce também em 1950 é o que utiliza o acaso como princípio construtivo. É significativo que este fator de indeterminação apareça numa época tão preocupada com a racionalização das técnicas musicais.

À música em que o compositor integrou o azar deu-se o nome de música aleatória, do latim *alea* (dado). Esta designação é ambígua, já que parece indicar que a obra é fruto dum simples jogo de dados, em que o azar decide tudo. Felizmente, na realidade, não é assim que as coisas se processam, uma vez que as únicas manifestações musicais em que o acaso tudo comanda são os *happenings* ou espetáculos musicais, a maioria dos quais não atinge grande qualidade.

O acaso numa obra pode ser incorporado ao nível do compositor ou ao nível do intérprete. Parte da obra pode depender da execução do intérprete e assim conseguir formas abertas de música aleatória em que a interpretação é diferente. Nas obras de Stockhausen e de Boulez encontra-se uma indeterminação controlada, de forma que o intérprete pode escolher seu próprio caminho entre as possibilidades que o autor lhe oferece.

Outros compositores, como o espanhol Luis de Pablo, deixam por fixar certos pormenores da partitura, ou não determinam a altura dos sons, duração, ou maneira de os atacar.

Em algumas das obras aleatórias, certos fragmentos são confiados ao improviso pessoal ou coletivo dos intérpretes. Também nestes casos se exige do intérprete um contributo e participação na criação. Existem obras em que se encontram simultaneamente uma expressão que nasce de um impulso interior e estruturas racionais. Xenakis critica este tipo de acaso, que classifica de «cara ou coroa» e de simples improvisação, introduzindo em suas obras o acaso científico, ligado ao pensamento matemático.

o compositor mais significativo de obras em que intervém o acaso é o norte-americano John Cage (1912), uma das personalidades mais fascinantes do vanguardismo musical e a mais admirável, ao lado de Charles Yves, da história musical norte-americana. Em suas obras, a indeterminação é ainda maior e a liberdade do compositor muito reduzida. Em algumas de suas preparações musicais, as escolhas sonoras são decididas através do jogo de dados ou de outros fatores. Nas obras de Cage não se excluem as sobreposições sonoras realizadas durante a execução, o que se traduz em resultados sonoros inesperados. Sua atividade vital foi comparada à de Erik Satie por seu humorismo perante os acontecimentos cotidianos. Cage jamais se interessou pelas formas artísticas tradicionais, mas antes por uma procura de comunicação sonora direta. Na gênese de suas obras desempenha um papel determinante sua atitude filosófica, influenciada pelo Zen budismo. Mais que soluções teóricas suscetíveis de ser explicadas universalmente, Cage prefere o contato com a vida e, em seu caso concreto, com a realidade sonora. Não receia incorporar em suas obras o que se apresenta casualmente e, em algumas delas, sintoniza mesmo com qualquer onda de rádio, convencido de que E toda realidade tem seu próprio valor.

Uma das características da arte de Cage são os silêncios extensíssimos, limitados pelos momentos sonoros que chegam com grande exatidão. Este processo está muito relacionado com a arte Nô do teatro musical japonês. Sua atitude anti-intelectual foi mais bem acolhida nos Estados Unidos que na Europa, onde a mentalidade cartesiana ainda prevalece entre os músicos.

A popularidade de Cage nos meios musicais europeus deve-se a seu piano preparado: um piano normal que, através da introdução de vários acessórios, é capaz de produzir uma ampla e atraente gama de sons. Seu contributo mais importante terá sido, no entanto, o papel decisivo que o acaso desempenha na preparação e execução de sua música. Cage oferece ao intérprete um conjunto de realidades sonoras no contexto de múltiplas organizações sucessivas. Ao reduzir em suas obras a intervenção da vontade consciente, abriu a via à indeterminação na arte musical.

Em certa ocasião, afirmou «que gostaria que suas obras abertas não se considerassem nunca acabadas, embora cada execução tivesse naturalmente caráter definitivo». A atitude estética de Cage foi classificada de neodadaísmo, de ruptura, e seus métodos serviram de base à criação de uma série de *happenings* realizados em salas de concerto e teatros.

¹ Retirado do livro *A Música Contemporânea*, de Montserrat Albet, Rio de Janeiro, Salvat, 1979, Pp.128-32.